



ACADEMIA BRASILEIRA DE LITERATURA DE CORDEL



À Presidência do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional IPHAN

Por entendermos que a Literatura de Cordel ser um gênero literário que representa o brasileiro e contribui para o reforço da identidade nacional, encaminhamos o requerimento para a instauração do processo administrativo de Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial.

Desde já agradecemos


Gonçalo Ferreira da Silva

Presidente da ABLC

EM BRANCO

e - 0476/10
Gabinete / 8º SR - IPHAN
Entrada 26, 02, 10
Saída _____

Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial

Literatura de Cordel Patrimônio Imaterial

(Livro de Registro das Expressões Populares e no Livro de Registro dos
Saberes - modo de fazer: verso, métrica, rima e oração)

Rio de Janeiro, dezembro de 2009.

Ref.:
01508.000878/2010-57

Indice

I. Identificação do proponente _____	Página 03
II. Justificativa do Pedido do Registro da Literatura de Cordel como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil _____	Página 04
III. A Literatura de Cordel – Denominação e Descrição _____	Página 07
IV. A Literatura de Cordel – “Um breve histórico” _____	Página 09
V. Referências bibliográficas _____	Página 15
VI. Histórico da Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC) _____	Página 19
VII. Avaliação _____	Página 21
VIII. Epígrafe _____	Página 23

I. Identificação do proponente:

Academia Brasileira de Literatura de Cordel

CNPJ: 00.113.251/0001-82

Local: Rua Leopoldo Fróes, 37 – Santa Teresa - Rio de Janeiro – RJ

Telefones: 21 - 2232 4801

Sítio Eletrônico: www.ablc.com.br

Email: ablc@ablc.com.br / contato@ablc.com.br

Representante Legal: Gonçalo Ferreira da Silva

II. Justificativa do Pedido do Registro da Literatura de Cordel como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil

O pedido de Registro da literatura de cordel, como Patrimônio Cultural Imaterial nos **Livros de Registro das Formas de Expressões Populares** - como forma de expressão poética e no **Livro de Registro dos Saberes** - modo de fazer literário, justificam-se face a alguns itens que serão evidenciados em textos posteriores, tais como:

- o caráter de oralidade, mesmo nos textos escritos;
- a riqueza das expressões da poética popular;
- o caráter de permanência de uma forma de expressão poética que chegou ao Brasil, na bagagem dos primeiros colonizadores;
- a resistência aos mercados editoriais, que não investem nessa forma de expressão poética e o seu modo de fazer e
- a dinâmica que faz a literatura de cordel manter-se atual, sem, contudo, perder sua identidade e, que a diferencia de outras formas e expressão e modo de fazer poético.

O projeto de registro da literatura de cordel como bem patrimonial imaterial justifica-se face à necessidade de manter viva uma literatura tão importante para a comunidade de poetas de cordel, leitores e admiradores, para a rede de ensino e a população como um todo. A produção de folhetos de cordel desafia os tempos modernos mantendo-se atuante. Percebe-se, inclusive, a formação de novos poetas com olhos voltados para àqueles que lutaram para a preservação e difusão dessa forma de expressão e linguagem poética tão rica e única.

A função de oralidade que a literatura de cordel exerce, como fonte de transmissão, e a peculiaridade das **formas de expressão** e do **saber e fazer literário**, são transmitidas de geração a geração. O poeta cordelista é, sobretudo, um atento observador dos processos de atualização da sociedade

em sua estrutura social, política e/ou tecnológica. A partir de suas percepções, compõem-se versos: ora de improviso (versos cantados - cantorias), ora impressos (versos em forma de folhetos).

É notável também o papel da literatura de cordel como função social de refletir os problemas populares e as suas contradições estruturais entre os diversos grupos sociais. Através dela, eles vêem os seus problemas projetados, e encontram no cordel uma forma de expressar suas próprias soluções, mesmo que de forma meramente simbólica. Além disso, a literatura de cordel circula como elemento de ligação e de formação cultural, por ter sido fonte de informação e conhecimento para populações afastadas, e por ter significado o caminho pelo qual os poetas populares conseguiram interpretar o mundo, questioná-lo e transmitir suas tradições.

Dentro de certas famílias existem toda uma estirpe de poetas de cordel, como as famílias Soares, José (o poeta repórter) e seu filho Marcelo Soares, também, xilógrafos; os Batista, Francisco das Chagas; Nicandro Nunes; Ugolino Nunes; Dimas; Lourival; Otacílio; Sebastião Nunes; e, Paulo Nunes. Como estas, outras tantas famílias seguiram a linha do **fazer de literatura de cordel**, que lhes permitiram e permitem o sustento.

A literatura de cordel por se tratar de uma literatura viva não requer “proteção” e “conservação”, mas identificação, reconhecimento, registro etnográfico, acompanhamento periódico, divulgação e apoio. Enfim, mais documentação e acompanhamento e menos intervenções. Formas de proteção mais específicas do conhecimento tradicional, de modo complementar ao registro a ser instituído. Uma das formas recomendadas é o reconhecimento da cultura tradicional e popular ou do folclore como área específica da questão da propriedade intelectual, inclusive no seu aspecto industrial. Reconhecer e valorizar a literatura de cordel como Patrimônio Imaterial, percebendo o conhecimento, o processo de criação e o modelo.

Embora conhecida entre pesquisadores, a literatura de cordel tem sua presença ainda tímida e regionalizada. O registro da literatura de cordel como Bem Cultural de Natureza Imaterial trará uma oportunidade única para a população do país ter contato com as expressões literárias da cultura popular e

apresentará a inegável importância da literatura de cordel como forma de expressão de caráter tipicamente nacional. O gênero é considerado por muitos especialistas como a maior expressão poética da nossa história, tendo influenciado várias outras áreas como o rádio, a teledramaturgia, a Música Popular Brasileira, dentre outros.

É fundamental a ampliação do mercado editorial de literatura de cordel em todas as mídias, sejam orais, através do estímulo aos cantadores; impressas, ampliando-se o parque de editores especializados; e, até mesmo na mídia virtual. A internet possibilita a circulação da literatura de cordel em redes *on-line* de interação social, tendência que vem chamando a atenção de grande número de poetas, seja como tema, ou como veículo de publicação, visto ser o poeta de cordel um atento observador dos processos de atualização da sociedade — na sua estrutura social, política e tecnológica.

A iniciativa de realização do INRC surgiu, principalmente, do crescente interesse que o cordel vem gerando em pesquisadores e estudantes do Brasil e do mundo, o que pode ser comprovado, no caso da ABLC, pelas constantes visitas a sua sede, no Rio de Janeiro, pelos acessos ao site e pela demanda de pedidos de folhetos recebidos pela Internet.

III. A Literatura de Cordel – Denominação e Descrição

Neste item cabe ressaltar poetas de renome e poetas novos; os processos de produção e confecção dos folhetos, desde seus primórdios até nossos dias. Citar poetas que atuaram, tanto na composição poética como na confecção física dos folhetos, tais como: Leandro Gomes de Barros, João Martins de Athayde, José Bernardo da Silva, José Camilo dos Santos, João José dos Santos, Rodolfo Coelho Cavalcante, Minelvino Francisco Silva, dentre outros que foram poetas editores e tipógrafos. Responsáveis pela manutenção dos valores da literatura de cordel, sob o ponto de vista da criação dos versos e da elaboração do folheto como peça gráfica.

Minelvino Francisco da Silva, também fascinado pela arte da composição e da impressão tipográfica, adquiriu uma impressora manual por que confeccionava seus folhetos, inclusive as capas, conforme mostra nos versos:

“Eu mesmo escrevo a estória
eu mesmo faço o clichê
eu mesmo faço a impressão
Eu mesmo vou vender
e canto na praça pública
para todo mundo ver.”

Seu interesse o fez mudar para uma impressora elétrica, mas em 1979, sofreu um acidente, perdendo três dedos. Este fato não o impediu de continuar no ofício, pelo contrário, sua técnica foi aperfeiçoada, referindo-se ao episódio nos versos:

“No dia dez de outubro
Compus uma oração
Botei na máquina impressora
Para fazer a impressão
Em vez de imprimir o papel
Errei e imprimi a mão”.

Herdeiro da coleção de folhetos de Leandro Gomes de Barros, José Bernardo começou como vendedor ambulante de folhetos de cordel e, tornou-se um dos maiores tipógrafos da região do Cariri, fundando em Juazeiro do Norte a Tipografia São Francisco. Transformou a cidade Juazeiro do Norte em um dos maiores pólos de literatura de cordel do país, dividindo essa posição com João José dos Santos que, em Recife, fundou a editora Luzeiro do Norte.

“Não sou poeta vos digo
Mas com rimas arranjo o pão
Sou chapista e impressor,
Sou bom na composição.
O meu saber se irradia,
Conheço com perfeição.
Agradeço esta opulência
À Divina Providência
E ao Padre Cícero Romão”

Aqui cabe ressaltar a capacidade de adaptação do poeta de cordel, acompanhando a evolução dos tempos e dos equipamentos tais como: novas tecnologias de impressão, com modernos computadores, edições on-line, etc. Para o poeta o essencial é que o conteúdo da poesia seja mantido: o principal valor da literatura de cordel está na - **estrofe, rima, métrica e oração**. Neste aspecto, a fundação da Academia Brasileira de Literatura de Cordel foi fundamental, para a agregação dos poetas em torno de uma instituição que possa representá-los como categoria da sociedade.

IV. A Literatura de Cordel – Um breve histórico

A literatura de cordel foi trazida para o Brasil por colonos portugueses. Suas origens, tal como ela se manifesta no Brasil, remontam aos romanceiros da Península Ibérica. Teve melhor adaptação no Nordeste brasileiro, mas se alastrou por todo o país, especialmente com o fenômeno da migração para as regiões do Norte (ciclo da borracha), com a editora Guajarina; e, Sudeste, inicialmente, com a editora Prelúdio; e, posteriormente Luzeiro, em São Paulo. Toda a movimentação geográfica dessa literatura não permitiu qualquer alteração na sua **forma de expressão** e no seu **modo de fazer** (verso, métrica, rima e oração).

“O cordel veio da Europa
Com a poesia e repente
Quando surgiu a Impresa,
Foi escrito para a gente
O que se falava e cantava
Na inspiração quente”

Os temas mais recorrentes que popularizaram o folheto de cordel na Península Ibérica foram: as histórias tradicionais, narrativas de guerras, novelas de cavalaria, relatos de viagens, fatos de época e do cotidiano e, acontecimentos sociais e políticos. No Brasil, estes temas chegaram dentro de uma adaptação, inicialmente, para o Nordeste. Narrativas de guerras foram transpostas para a atuação de grupos de cangaceiros; fato do cotidiano, com as secas, enchentes; os acontecimentos sociais voltaram-se para a religiosidade popular; e, os fatos políticos, para os romances do coronelismo regional. Franklin Maxado Nordestino informa em versos, no folheto, *O cordel do cordel*, 1982:

“Na colônia se criou
Com raiz lá no Nordeste
Seus heróis medievais,

Foram os cabras da peste
Com Lampião pela frente,
Se espalhando pelo Leste”

“Também mostrava as lendas
Que aqui se misturaram
Com as dos nossos indígenas
E as dos negros, que chegaram,
Ficando mais no Nordeste,
Onde lhe admiraram”

Os primeiros folhetos de cordel eram manuscritos e destinavam-se à leitura familiar ou para pequenos grupos. Só a partir da última década do século XIX surgem as primeiras tipografias. Em Belém (PA), instala-se a Tipografia Guajarina e, posteriormente, em Juazeiro do Norte (CE), a Tipografia São Francisco, cuja história se inicia com a legendária figura do Padre Cícero Romão Batista, que atraiu para a região do Cariri um grande fluxo de romeiros. É nesse período que chega a Juazeiro do Norte o vendedor ambulante José Bernardo da Silva, que inclui entre os produtos comercializados alguns folhetos de cordel. A iniciativa tem grande receptividade, e José Bernardo decide, então, investir na edição de folhetos de cordel. Adquire uma máquina tipográfica e se inicia como tipógrafo, trabalhando com clichês, encomendados em capitais do nordeste. A demora na remessa dos clichês retarda o processo de produção. Paralelamente, aumenta a demanda de venda dos folhetos. José Bernardo recorre, então, aos escultores e santeiros da região para a confecção das capas dos folhetos. Começa o uso da gravura em madeira – a xilogravura. Com essa medida o tipógrafo agiliza sua produção e insere no mercado de trabalho os artesãos locais. A Tipografia São Francisco transforma Juazeiro do Norte em um dos maiores pólos editoriais de folhetos de cordel da região e José Bernardo da Silva, além de editor torna-se poeta de de “musa cheia”

“Não sou poeta vos digo
Mas com rimas arranjo o pão
Sou chapista e impressor,
Sou bom na composição.
O meu saber se irradia,
Conheço com perfeição.
Agradeço esta opulência
À Divina Providência
E ao Padre Cícero Romão”

Franklin Maxado complementa sobre o ofício de poeta e editor:

“Seus poetas são também
Editores e vendedores.
Saem lendo e cantando,
Procurando os leitores
Que gostam das novidades
E versos de mil amores.”

O poeta Delarme Monteiro, em seu folheto *Nordeste, repente e canção*, [19--], evidencia a importância social da literatura de cordel, os grandes nomes dos primórdios dessa manifestação popular, que apesar de movimentar poucos recursos, ofereceram oportunidades a uma vasta gama da sociedade com a criação de **distribuidores** em várias regiões; a **venda em feiras populares**, em que cegos obtinham seu ganho cantando folhetos de grandes autores, ficando na época conhecida também, como literatura de cegos(*); oportunidade aos **santeiros**, que recebiam dos poetas encomendas para a confecção de capas. A própria xilogravura, que hoje, é uma arte por si mesma, teve início com a solicitação dos poetas para a confecção de capas de folhetos.

“(…)

Dos poetas de cordel

Foi Leandro o pioneiro
Aqui dentro do Recife
Assim foi ele o primeiro
A distribuir folhetos
Por este nordeste inteiro”

“(…)
Com a morte de Leandro
A viúva precisando
Vendeu tudo a Atayde
Que já vinha se entrosando
Com versos de sua lavra
Aos poucos se levantando”

“(…)
Atayde adoecendo
Vendeu a tipografia
A José Bernardo Silva
Que do ramo conhecia
Levando pro Ceará
Toda a nossa poesia”

“(…)
Então procurei um jeito
Pra sair do 'atoleiro'
Escrevi pra Zé Bernardo
Contando tudo primeiro
Ele então me convidou
Pra visitar Juazeiro

Lá fizemos um contrato
Coisa de muito valor

Fiquei sendo no Recife
Único distribuidores
Dos livros de Atayde
Pra qualquer inteiro”

“(…)

Até aqui só falei
Nos trovadores grossistas
Agora vamos entrar
No 'antro' dos retalhistas
E saberemos da vida
Dos poetas varejistas
O mercado São José
Tem a praça ladeada
De 'figo de benjamim'
Cujo fruto não val nada
Mas a sombra dos seus galhos
Deixa a praça ventilada
Protegidos pela sombra
Os folheteiros botavam
Suas grades de folhetos
Baita papos brincavam
Dali a poucos momentos
Os seus fregueses chegavam

Até gente analfabeta
Comprava ali seu livrinho
E levava para casa
com cuidado e carinho
Para saber da estória
Pela boca do vizinho”

“(…)
Havia também um cego
De sanfona à tira-colo
Inspirado bem na Lira
Com a proteção de Apolo
Ele cantava os folhetos
O fole fazia o solo”

Nos dias atuais, cresce o interesse de leitores e admiradores e a disseminação da literatura de cordel nas mais variadas mídias - jornal, exposições em galerias especializadas, rádio, televisão e cinema, tanto como tema, quanto como ferramenta de edição e divulgação.

V. Referências bibliográficas:

Cabe selecionar alguns folhetos de poetas renomados, bem como textos teóricos, dissertações acerca da literatura de cordel. De pronto posso citar algumas publicações:

100 anos de cordel. São Paulo : SESC, 2001, 52 p. : il. Acompanha o folheto *100 anos de cordel* de Abraão Batista. Catálogo da exposição realizada no período de 17 de abril a 24 de junho de 2001.

100 cordéis históricos segundo a Academia Brasileira de Literatura de Cordel. Rio de Janeiro : Academia Brasileira de Cordel, 2007

Batista, Sebastião Nunes. *Antologia da literatura de cordel*. Natal : Fundação José Augusto, 1977;

Cascudo, Luís da Câmara. *Vaqueiros e cantadores: folclore poético do sertão de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará*. Rio de Janeiro: Ediouro, [199-]. 275 p. (Brasileira de ouro);

Salles, Vicente. *Repente & cordel: literatura popular em versos na Amazônia*. Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Arte; Instituto Nacional do Folclore, 1985. 287 p. Prêmio Sílvio Romero 1981; Bibliografia: p. 269-287;

Lopes, Gustavo Magalhães. *Um estudo de caso sobre o repente nordestino na grande São Paulo*. 2001. 286 p. Bibliografia : p. 279-286.; 2. Menção honrosa no Concurso Sílvio Romero, 2002;

Curran, Mark J. *História do Brasil em cordel*. 2ª ed. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2001. 283 p. : il. Bibliografia : p. 261-267.

Cavalcante, Rodolfo Coelho. *Rodolfo Coelho Cavalcante*. Introdução Eno Theodoro Wanke. São Paulo: Hedra, 2000. 126 p. (Biblioteca de cordel);

Gomes, José. *Cuíca de Santo Amaro: controvérsia no cordel*. Introdução e seleção Mark J. Curran. São Paulo: Hedra, 2000. 131 p. (Biblioteca de cordel). Bibliografia: p. 127-130;

Salles, Vicente. *Zé Vicente : poeta popular paraense*. São Paulo : Hedra, 2000, 138 p. (Biblioteca de cordel);

Silva, Manoel Caboclo da. *Manoel Caboclo*. Introdução e seleção

Gilmar de Carvalho. São Paulo: Hedra, 2000. 153 p. (Biblioteca de cordel).
Bibliografia : p. 151-152;

Athayde, João Martins de. *João Martins de Athayde*. Introdução e seleção Mário Souto Maior. São Paulo : Hedra, 2000. 208 p. il. (Biblioteca de cordel). Bibliografia: p. 208.; Bibliografia : p. 208;

Silva, Minelvino Francisco. *Minelvino Francisco Silva*. São Paulo : Hedra, 2000. 234 p. : il. (Biblioteca de cordel);

Silva, Antônio Gonçalves da. *Inspiração nordestina*. 3ª ed. São Paulo : Hedra, 2003. 351 p.;

Silva, Expedito Sebastião da. *Expedito Sebastião da Silva*. São Paulo : Hedra, 2000. 170 p. (Biblioteca de cordel);

Santos, Zacarias José dos; Monteiro, Luiz de Assis. Severino José. São Paulo: Hedra, 2001. 172 p. (Biblioteca de cordel);

Nascimento, Raimundo Luiz do; Tavares, Bráulio. *Raimundo Santa Helena*. São Paulo : Hedra, 2003. 110 p. : il. (Biblioteca de cordel);

Batista, Paulo Nunes; Barbosa, Maria do Socorro Gomes. *Paulo Nunes Batista*. São Paulo: Hedra, 2003. 140 p. (Biblioteca de cordel);

Borges, José Francisco. *J. Borges*. São Paulo : Hedra, 2003. 142 p. : il. (Biblioteca de cordel);

Barros, Leandro Gomes de; Medeiros, Irani. *História do boi misterioso e outros cordéis*. São Paulo : Hedra, 2004. 252 p. (Literatura popular);

Melo, Oliveira Francisco de. *Oliveira de Panelas*. São Paulo : Hedra, 2001. 155 p. (Biblioteca de cordel). Bibliografia: p. 154-155;

Soares, José Francisco 1914-1981. *José Soares*. Introdução e seleção Mark Dinneen. São Paulo : Hedra, 2007. 158 p. il. (Biblioteca de cordel);

Meneses Sobrinho, José Saldanha, 1918-. *Zé Saldanha*. Introdução e seleção Gutenberg Costa. São Paulo : Hedra, 2001. 138 p. (Biblioteca de cordel);

Silva, Antônio Carlos da, 1966-. *Rouxinol do Rinaré*. Introdução e seleção Ribamar Lopes. São Paulo : Hedra, 2007. 142 p. (Biblioteca de cordel);

Oliveira, Manoel Martins de, 1865-1940. *Neco Martins*. Introdução e seleção Gilmar de Carvalho. São Paulo : Hedra, 2004. 155 p. (Biblioteca de cordel);

Batista, Francisco das Chagas, 1882-1930. *Francisco das Chagas Batista*. Introdução e seleção Altimar de Alencar Pimentel. São Paulo: Hedra, 2007. 149 p. (Biblioteca de cordel);

Freire, José da Rocha, 1909-1977. *Zé Melancia*. Introdução e seleção Martine Kunz. São Paulo : Hedra, 2005. 158 p. (Biblioteca de cordel);

Machado, Franklin, Vitória de Cerqueira Barreiros, 1943. *Franklin Maxado*. Introdução e seleção Antônio Amaury Corrêa de Araújo. São Paulo : Hedra, 2007. 140 p. (Biblioteca de cordel);

Silva, Hécio Wanderley da. *Vida e obra do poeta Gonçalo Ferreira da Silva*. Rio de Janeiro : Ed. do Autor, 1994, 267 p.: il.;

Silva, Alexandra Barbosa da. *Entre a feira e a academia : a questão da legitimidade entre cordelistas no Rio de Janeiro*. [Rio de Janeiro, 1998]. 157 f. : il. Trabalho apresentado ao Concurso Sílvio Romero – 1998;

Silva, Gonçalo Ferreira da. *Vertentes e evolução da literatura de cordel*. Rio de Janeiro : Milart, 1999, 47 p. : il. Acompanha um disco digital;

Senna, Costa; Oliveira, Jô. *Caminhos diversos sob os signos do cordel*. São Paulo : Global, 2008. 156 p. : il.;

O universo do cordel. Pesquisa e entrevistas : Pedro Afonso Vasquez, Rosane Karp Vasquez, Textos: Maria Rosário Pinto, Pedro Afonso Vasquez, Fotos: Gustavo Maia, Gustavo Moura, Pedro Afonso Vasquez, Tradução : Carolyn Brissett. Recife: Instituto Cultural Banco Real, 2008. 60 p. il. color. Edição bilíngue: português e inglês; Catálogo da exposição realizada no Instituto Cultural Banco Real, Recife (PE), sob a curadoria de Franklin Espath Pedroso e Pedro Afonso Vasquez, de 11 de julho a 10 de agosto de 2008;

Silva, Gonçalo Ferreira da. *Vertentes e evolução da literatura de cordel*. Rio de Janeiro : Milart, 1999. 47 p. : il. Acompanha um disco digital;

Moreira, Ildeu de Castro et al. *Cordel e ciência*. Rio de Janeiro : Vieira & Lent; Fiocruz, 2005. 252 p. : il.;

Academia Brasileira de Literatura de Cordel. *Dicionário brasileiro de*

literatura de cordel. Rio de Janeiro : Academia Brasileira de Literatura de Cordel, 2005. 175 p. : il.;

Almeida, Ruth Trindade de. *Almanaques populares do Nordeste*. Recife, 1981, 226 f. : il. Dissertação (Mestrado em Antropologia Cultural) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco.

Melo, Rosilene Alves de. *Mémórias impressas: trajetos da literatura de folhetos em Juazeiro do Norte*. Rio de Janeiro, 2003. 209 f. (tese vencedora do Prêmio no Concurso Silvio Romero, 2003).

Estas são algumas dentre tantas monografias, teses de mestrado e doutorado, publicações decorrentes de Encontros, Seminários, Congressos, livros, folhetos, folhetos de cordel, CDs, DVs, fotos, que destacam a importância da literatura de cordel no universo de pesquisas e editorial

VI. Histórico Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC)

A Academia Brasileira de Literatura de Cordel –ABLC - foi criada em 1988, no âmbito da então Casa de Cultura São Saruê, através de doação, realizada no ano de 1988, do espaço físico do prédio sito à rua Leopoldo Fróes, 37, Santa Teresa, Rio de Janeiro, RJ; e, do acervo do Sr. General Humberto Pelegrino.

Em Setembro de 1978, com a publicação de um artigo para o semanário "Rio Norte Sul em Revista", periódico que se ocupava em registrar os acontecimentos sociais nos bairros cariocas, que manifestou-se, pela primeira vez, a idéia de fundar uma academia de cordel. Com o intuito de reunir repentistas e cordelistas radicados no Rio de Janeiro, as primeiras reuniões aconteceram na Feira de São Cristóvão, onde as bancas de cordéis multiplicavam-se, dentre os demais costumes da cultura nordestina.

No ano de 1988, com a criação da Academia Brasileira de Literatura de Cordel, sob a responsabilidade do Prof. Gonçalo Ferreira da Silva e demais fundadores, apoiado por um Estatuto e Regimento interno, foi dado início ao trabalho de resgate da memória da literatura de cordel, fato que acarretou significativas transformações em diferentes planos da comunidade de poetas de cordel, cantadores, xilógrafos e editores de folhetos de cordel.

No ano de 1989, numa visita dos diretores da ABLC à Academia Internacional de Letras, abriu-se o caminho em direção às Academias de Letras do Brasil, onde passaram a ser realizadas as plenárias da ABLC. Possibilitou-se, então, a elaboração de um calendário acadêmico, a criação de um quadro de beneméritos e a difusão da literatura de cordel para o Brasil e o mundo.

Em 19 de Abril de 1993 o General Umberto Peregrino, admirador da poesia de cordel e da cultura repentista fez a doação do grande acervo da Casa de Cultura São Saruê, juntamente com suas instalações à ABLC. A instituição ganhava, assim, uma sede própria, no bairro de Santa Teresa, onde permanece até hoje.

A Academia busca reunir a comunidade de cordelistas, com o

objetivo de revitalizar a produção de folhetos de cordel. A linha de atuação da Academia preocupa-se com a produção da literatura de folhetos relacionada aos aspectos da vida em sociedade e com o resgate das variantes temáticas que cercam a produção poética, bem como com o cumprimento de suas normas de criação literária – verso, métrica, rima, oração e ritmo. A opção por critérios de criação e de produções bem elaborados, implica uma melhor aceitação da literatura de folheto e da comunidade de poetas de cordel e cantadores nos vários níveis da sociedade, que passa a olhar a literatura de cordel com mais interesse e maior respeito.

Ao ser inaugurada, a ABLC contava com pouco mais de 600 obras entre livros e folhetos. Hoje - ocupando dois andares do mesmo prédio, o seu acervo aproxima-se de 13 mil documentos, entre livros e folhetos de cordel. Academia conta ainda, com um depósito e uma loja onde ficam expostos os folhetos para venda ao público.

O acervo da ABLC, além de preservar a memória da literatura de cordel, possui grande relevância como suporte para as atividades realizadas por todos os setores educacionais e culturais da sociedade carioca e do Brasil, subsidiando as pesquisas para a realização de eventos em todo o país. Na atualidade a Academia Brasileira de Literatura de Cordel tem em seus quadros importantes vates que residem no Rio de Janeiro e no nordeste.

VII. Avaliação

A partir do apoio do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, ao projeto de Registro da literatura de cordel como bem de patrimônio imaterial, a ABLC estará em condições de dar prosseguimento aos projetos literários que vierem a ser propostos, tais como: a dinamização de seus espaços, vindo a dar tratamento igual às incorporações futuras, garantindo a integridade dos acervos institucionais, bem como de outras instituições, detentoras de acervos similares; a realização de eventos em favor da poesia de cordel e a realização de oficinas de literatura de cordel e de xilogravuras, com a perspectiva de formar novos poetas e artistas da xilogravura.

Na comemoração dos 21 anos da Academia Brasileira de Literatura de Cordel propomos a difusão, manutenção e o fortalecimento da literatura de cordel e as vertentes que a englobam: a literatura escrita. A equipe que constitui a diretoria da Academia Brasileira de Literatura de Cordel - ABLC acompanhará toda a execução do projeto, supervisionando e avaliando cada etapa realizada, segundo as normas estipuladas.

Numa perspectiva de continuidade e futuro, da comunicação e democratização do saber popular, apresentar o Registro de literatura de cordel como Bem Cultural de Natureza Imaterial contribuirá para o debate sobre a literatura e a cultura popular produzidas no Brasil desde o seu aparecimento. Dessa forma, resgata e dissemina a produção intelectual de seus poetas e o histórico na literatura nacional.

Por tratar-se de uma instituição cultural sem fins lucrativos a ABLC propõem a difusão, manutenção e o fortalecimento da literatura de cordel, produzindo folhetos, livros e materiais multimídia, recebendo novos cordelistas, realizando oficinas, rodas de leituras e de cantorias e as vertentes que a englobam: A literatura escrita e oral, cantoria e "causos". Faz-se produtivo o Registro como Bem Cultural de Natureza Imaterial porque é fundamental que se amplie os espaços e ocupemos não só a sede da ABLC, mas praças, quadras de escolas, largos, igrejas e Centro Culturais Compartilhando, assim,

responsabilidades e informações da literatura de cordel. Desenvolver estreito contato com os grupos sociais, que produzem, reproduzem e transmitem esse patrimônio.

A Academia possui condições de manter o registro da Literatura de cordel, tornar as informações amplamente acessíveis ao público e documentar e acompanhar a dinâmica dessa literatura. Transmitir, de forma democrática, os conhecimentos tradicionais fundamentais para a manutenção, continuidade registro, fomento e a valorização da Literatura de cordel. Desenvolver e contribuir com outros entes, públicos, privados ou da sociedade civil, política nacional de registro e valorização apoiada em sólida base de conhecimento. Fortalecendo e dando visibilidade à literatura de cordel.

VIII. Epílogo

Os versos abaixo tem apenas o valor artístico.

Não buscamos aqui nenhum caráter formal a esse requerimento.

As estrofes abaixo são uma contribuição inédita de cordelistas convidados pela ABLC sob o estilo de "***Martelo agalopado***": estrofe dez versos e de dez sílabas. O Martelo Agalopado é uma das modalidades mais antigas na literatura de cordel. Foi utilizado o mote "***Queremos para o cordel / Seu registro e tombamento.***"

Os membros da Academia
Da cultura guardiã
Solicitam ao IPHAN
Que veja com simpatia
Nossa eterna poesia
Como histórico documento
E neste requerimento
De conteúdo fiel
**Queremos para o cordel
Seu registro e tombamento**

Gonçalo Ferreira da Silva

Feliz iniciativa
De exercer nosso direito
Conforme está sendo feito
Em petição coletiva
Pela força criativa
Que nasce no pensamento,
Pedindo deferimento
Eu, e cada menestrel,
**Queremos para o cordel
Seu registro e tombamento.**

Sepalo Campelo.

O tombamento em questão
Do **Bem Imaterial**
Peço aqui com um sinal
De respeito e emoção
Vindo do meu coração
Que fez o discernimento
Para o reconhecimento
Escrito neste papel
Queremos para o cordel
Seu registro e tombamento.

Chico Salles

Aqui eu peço clemência
A quem manda no poder
É só questão de querer
E de tomar providência
Não se trata de exigência
Só falta encaminhamento
Deste projeto atento
dizendo claro e fiel
Queremos para o cordel
Seu registro e tombamento.

João Batista Melo

Meu irmão é violeiro
Meu primo é gravurista
Eu me chamo cordelista
Tenho origem no estrangeiro
Mas hoje sou brasileiro
Está aqui o documento
Para o reconhecimento
Tudo aqui nesse papel
Queremos para o cordel
Seu registro e tombamento.

J. Victor

Se o mundo inteiro conhece
À nossa Instituição
Então a consagração
O cordelista merece
Como quem faz uma prece
Elevo o meu pensamento
Peço a Deus neste momento
Com esta súplica fiel
**Queremos para o cordel
Seu registro e tombamento**

Campinense

O cordel já foi chamado
De jornal do sertanejo.
Ele fala de gracejo,
De sertão, cavalo e gado,
De cangaceiro danado,
De marido ciumento,
De padre, de casamento,
E da saudade cruel.
**Queremos para o cordel
Seu registro e tombamento.**

Moreira de Acopiara.

Foi a Nação Nordestina
Que melhor desenvolveu
E aqui, o seu apogeu
É como ouro de mina,
Ganhou forma cristalina
Do mais gracioso invento
Métrica e rima é seu sustento
Assim diz o menestrel
**Queremos para o cordel
Seu registro e tombamento.**

Arievaldo Vianna

Rima, métrica e oração,
Verso e palavra acertada
Melodia afinada
Pra recitar e cantar
Ajuda alfabetizar
Dando ao leitor polimento
Mas, precisa de fomento,
Transmissão via Embratel,
**Queremos para o cordel
Seu registro e tombamento.**

Marcus Lucenna

Veio da antiguidade
Do tempo medieval
No Brasil colonial
Adquiriu qualidade
Foi levando pra cidade
As denúncias do tormento
Do nosso povo atento
Mostrando o mundo cruel
**Queremos para o cordel
Seu registro e tombamento**

Ivamberto Albuquerque

O cordel na literatura
Tem passado em todo teste
Nas escolas do nordeste
Tem preferência segura
Todo aluno lhe procura
Entender seu fundamento
Depois do conhecimento
Deixa escrito num painel,
**Queremos para o cordel
Seu registro e tombamento.**

Mestre Azulão

Com jeitinho bem mineiro
Me coloco a pleitear
O IPHAN vai acatar
Um projeto pioneiro
Para o povo brasileiro
De grande merecimento
E também contentamento
De cumprir o seu papel
**Queremos para o cordel
Seu respeito e tombamento**

Olegário Alfredo

É uma literatura,
Que pra nós é uma arte
Ela tem que fazer parte
Dos acervos da cultura
É a poesia pura,
Que vem de um sentimento
O poeta com talento
Transforma-se em menestrel
**Queremos para o cordel
Seu registro e tombamento.**

Josinaldo - (Mocozinho)

Quando a Frota se desfaz,
No lugar Porto Seguro,
Cabral fareja o futuro,
E diz: - Este clima é de Paz!
Escreveu para o Rei Vaz...
Como se deu o momento,
Folha volante ao vento...
Dito em Português Fiel:
**Queremos para o Cordel
Seu registro e tombamento.**

Edmilson Santini

O nosso cordel é arte
Pelo mundo admirada
Em cada estrofe rimada
No Brasil sempre fez parte
Sendo povo estandarte
Em todo e qualquer momento
Se espalha feito vento
Pra cumprir melhor papel
**Queremos para o Cordel
Seu registro e tombamento.**

Isael de Carvalho

O cordel é uma arte
Filha da literatura
Representando a cultura
Do nordeste em toda parte
Sendo de lá estandarte
Pede reconhecimento
Pra coroar o talento
Sublime do menestrel.
**Queremos para o Cordel
Seu registro e tombamento.**

Carolaine Silveira

Cordel é raio de sol
Nesga de luar de prata
Que docemente retrata
No espelho do arrebol
É Lá é Si é Bemol
Em magistral andamento
Facia o homem sedento
De cultura em seu farnel
**Queremos para o Cordel
Seu registro e tombamento.**

Manoel Monteiro

Patrimônio do juízo
Escrito, impresso e colado,
Tem que ser valorizado
E preservá-lo é preciso.
Por um lado é improviso
E por outro é documento;
É feito de pensamento
Mas precisa de papel...
**Queremos para o Cordel
Seu registro e tombamento.**

Bráulio Tavares